

Identidade e diversidade cultural na construção de conhecimentos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas

ROSA MENDONÇA DE BRITO*
GISELE DE BRITO BRAGA ISPER**

Universidade Federal do Amazonas – Brasil

Recibido el 05-09-2014; primera evaluación el 18-02-2015;
segunda evaluación el 24-02-2015; aceptado el 29-02-2015

RESUMO

O estudo aqui apresentado teve como objetivos apreender, interpretar e compreender os processos de construção de conhecimentos desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM. O mergulho nos seus fazeres, na sociedade e na cultura na qual está inserido foi realizado através de um estudo de caso envolvendo pesquisa teórica, documental e empírica orientadas por cinco questões norteadoras. A análise qualitativa dos dados — levantados através de observações e entrevistas — teve como orientação os princípios da fenomenologia, da hermenêutica e da dialógica e nos possibilitou apreender a imensa trama e a

* Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Doutora pela Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. Mestra em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas. Membro da Academia Amazonense de Letras, Cadeira nº 6, de Adriano Jorge; do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA, Poltrona Nº 19, de Euclides da Cunha; do Conselho Deliberativo do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro; do Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia; da Associação Francofone de Pesquisa em Educação, Seção Brasileira – AFIRSE; da Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE. Contacto: rosa.m.brito@uol.com.br

** Psicóloga pelo Centro Educacional do Norte. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Psicologia Clínica da infância e Adolescência pela ESBAM, em 2006. Especialista em Gerontologia e Saúde do Idoso pela UNATI/UEA, em 2009. Psicóloga Técnica Perito Examinador do Trânsito pela UNB. Chefe do Setor de Psicologia da Fundação Dr. Thomas, 2013/actual. Psicóloga do Liceu de Ofícios – SEC, Psicóloga do Centro Cultural Cláudio Santoro – SEC. Psicóloga Clínica Infantil, consultório. Contacto: giselebraga@mac.com

rede de significados tecida pela energia que emerge da vida dos sujeitos amazônicos e do seu mundo que transcendem, em muito, os puros feixes de relações lógicas onde os seres humanos são tratados como clones, condenados a uma eterna repetição. As análises articularam as percepções dos pesquisadores e a dos sujeitos envolvidos na pesquisa empírica com as concepções teóricas e revelaram a riqueza e a fecundidade das culturas amazônicas e o sentido do Programa, que tem a sua sustentação no saber local com inserção no contexto universal e que, por isso mesmo, cumpre plenamente com a sua função de qualificar profissionais para o magistério superior e construir conhecimentos que valorizem e favoreçam, numa perspectiva intersubjetiva e intercultural, o diálogo entre os diferentes saberes.

Palavras-chave: Amazônia, culturas, identidades, saber local

Identidad cultural y la diversidad en la construcción del conocimiento en el Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Amazonas

RESUMEN

El estudio presentado aquí pretende capturar, interpretar y comprender los procesos de construcción de conocimiento desarrollado por el programa de postgrado en Educación de UFAM. El descenso en sus obras, en la sociedad y cultura en la que se inserta se logró a través de un estudio de caso que involucra investigación teórica, documental y empírica, tutelada por cinco temas principales. El análisis cualitativo de datos —recaudados a través de observaciones y entrevistas— tuvo como guía los principios de la fenomenología, hermenéutica y la dialógica y nos ha permitido comprender la inmensa trama y la red de significados tejida por la energía que se desprende de la vida de la Amazonía y sus temas de mundo que trascienden, en mucho, las relaciones lógicas puras donde los seres humanos son tratados como clones, condenados a una repetición eterna. El análisis articula las percepciones de los investigadores y los sujetos implicados en la investigación con conceptos teóricos y los datos recogidos que han puesto de manifiesto la riqueza y fertilidad de las culturas amazónicas y el sentido del programa, que tiene su apoyo en la inserción local dentro del contexto universal y por lo tanto, cumple con su función para calificar a profesionales para la enseñanza superior y construyen el conocimiento desde una perspectiva intersubjetiva e intercultural, el diálogo entre los diferentes saberes.

Palabras clave: Amazonía, culturas, identidades, saber, ubicación

Identity and cultural diversity in the construction of knowledge on the program of Education Postgraduate of the Universidade Federal do Amazonas

SUMMARY

The study presented here aimed to capture, interpret and understand the processes of construction of knowledge developed by the postgraduate program in

education of UFAM. The plunge in their doings, in society and culture in which it is inserted, was accomplished through a case study involving theoretical research, empirical documents and guided by five main issues. The qualitative analysis of data-raised through observations and interviews-had as a guide the principles of phenomenology, hermeneutics and the dialogical and inallowed to seize the immense plot and the network of meanings weaved by energy that emerges from life of the Amazon and its world subjects which transcend, in lot, the pure logical relationships beams where humans are treated as clones, doomed to an eternal repetition. The analysis articulated perceptions of the researchers and the subjects involved with empirical research and theoretical conceptions, have revealed the richness and fertility of the Amazonian cultures and the direction of the program, which has its support in local insertion in the context with universal and hence complies fully with its function to qualify professionals for superior teaching and build knowledge that value and encourage in an intersubjective and intercultural perspective, dialogue between the different knowledges.

Keywords: Amazon, cultures, identities, namely, location

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado tem suporte em pesquisas teóricas, documental e empíricas que tiveram como objetivos apreender, analisar e compreender as relações ou inter-relações que se dão entre os saberes locais e universais que perpassam os processos de construção de conhecimentos desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas – FACED/UFAM, assim como as questões das identidades e das culturas amazônicas.

As manifestações dos sujeitos e das intencionalidades das ações efetivadas foram obtidas através de estudo de caso utilizando-se como instrumentos de coleta de dados a observação e entrevistas, ambos guiados pelos pressupostos da fenomenologia que tem como fundamento último a busca do sentido das coisas, dos fenômenos. A análise qualitativa dos dados possibilitou mergulhar na realidade do PPGE/FACED/UFAM, na sociedade e nas culturas na qual está inserido, apreender a imensa trama e a rede de significados tecida pela energia que emerge da vida dos sujeitos amazônicos e do seu mundo que, incorporando todas as formas de percepções, todas as formas de experiências transcendem, em muito, os puros feixes de relações lógicas onde os seres humanos são tratados como clones, condenados a uma eterna repetição.

As interpretações e análises em busca da compreensão do fenômeno estudado, ou seja, da questão da identidade e diversidade cultural na construção de

conhecimentos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – PPGE, tiveram como suporte teórico, entre outras, as concepções de Husserl (2006), Geertz (1997) e Maffesoli (1998) que possibilitaram, juntamente com as vivências dos sujeitos e das pesquisadoras, revelar a riqueza e a fecundidade das culturas amazônicas e daquele fenômeno humano. As reflexões sobre as cinco questões norteadoras, a seguir apresentadas, procuram demonstrar o movimento das ações realizadas que possibilitaram a apreensão da essência e do sentido do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas que tem a sua sustentação no saber local, ou seja, na cultura e nas identidades amazônicas com inserção no contexto universal.

1. Qual a função da Fenomenologia em estudo desta natureza?
2. No processo de conhecimento que perpassa o saber local, qual o sentido ou papel do senso comum e da razão sensível?
3. Quais as características essenciais da cultura amazonense e quais os seus elementos identitários?
4. Quais as categorias universais presentes no saber local objeto dos estudos e pesquisas do PPGE?
5. A organização, o currículo e as atividades do PPGE trabalham e dão respostas à questão do saber local que envolve a singularidade da cultura e das identidades amazônicas?

Ao adotar princípios da fenomenologia fomos convidadas, no percurso do presente trabalho, a considerar a historiografia amazonense, a sua geo, bio, eco e etnodiversidade em sua relação com o mundo da vida a fim de que fosse possível trazer ao texto uma reflexão sobre a problemática da pesquisa e do ensino desenvolvidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e dizer do seu sentido.

Nessa caminhada, as análises e reflexões sobre a relação PPGE/Saber local estão longe de vislumbrá-la em toda a sua integridade. A apreensão de nexos, a interpretação dos fatos, a compreensão dos processos e dos discursos derivam de uma grande motivação para apreender a essência do Programa, o sentido de sua existência no processo de resignificação da cultura e das identidades amazônicas. Por conta disso procuram, através de orientações fenomenológicas, suspender os juízos e pré-conceitos, aprender a ver e não apenas olhar, a fim de dirigir a atenção para os fenômenos, ou seja, para os múltiplos modos subjetivos de doação dos objetos e dos fatos num movimento no qual o mundo faz sentido para cada eu, cada pessoa que participa da construção da realidade mundana.

A. FENOMENOLOGIA E O SABER LOCAL: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Na busca da resposta e explicitação da primeira pergunta formulada: Qual a função da Fenomenologia em estudo desta natureza, procuramos demonstrar, através da exposição de alguns aspectos da teoria husserliana, que a fenomenologia pode fornecer valiosas orientações aos estudiosos e pesquisadores que pretendam, como nós, compreender um dado fenômeno e apreender o seu sentido.

Na orientação fenomenológica, «a consciência não se dirige ao objeto puro simples, mas sim ao objeto intencional, ou seja, ao objeto tal como se manifesta subjetivamente a um eu, segundo seus distintos modos de doação ou fenômenos» (Husserl, 2006, p. 16). Assim, enquanto na orientação natural nos situamos espontaneamente para manipular as coisas, na orientação fenomenológica,

o interesse não é dirigido às 'coisas' mas sim aos 'fenômenos', isto é, aos múltiplos modos subjetivos de doação graças aos quais temos consciência dos objetos. É apenas quando nos situamos nessa orientação que operamos a 'redução fenomenológica', quer dizer, a transição da investigação das 'coisas' para a consideração dos seus 'fenômenos' (idem, p. 16)

Mas para apreender o sentido, a essência de um objeto ou fato é necessário, tanto colocar entre parênteses a realidade tal como a concebe o senso comum, isto é, como existindo em si, independentemente de todo ato de consciência, quanto suspender pela *epochè* ou *redução fenomenológica*, a existência efetiva do mundo exterior e a validade dos juízos ou pré-conceitos das ciências que se referem a esse mundo natural e ater-se, apenas, às operações realizadas pela consciência.

Seja do ponto de vista corpóreo, psíquico ou espiritual, cada ser humano possui características que são desenvolvidas em função das vivências individuais de cada um. Por isso mesmo deve ser visto e examinado pelas suas características próprias, seus vividos qualitativamente diversos, não sendo lícito realizar universalizações que não levem em conta os elementos concretos diferenciados.

A fenomenologia como ciência descritiva das essências, da consciência e de seus atos, não é contemplação de um universo estático de essências eternas, mas a análise do dinamismo do espírito, da consciência refletida que dá aos objetos do mundo seu sentido. Por conta disso, a fenomenologia possibilita compreender que a intersubjetividade apreendida como condição essencial do

humano, afasta o entendimento de que a busca da essência nos distancia da vivência; reconhecer que através da intersubjetividade podemos dizer: «nós», «eu», «ser humano»; e que no exame das experiências vivenciais compartilhadas coletivamente, a particularidade não é abandonada porque a própria experiência pode revelar algo de estrutural compartilhado por todos.

1. SENSO COMUM E RAZÃO SENSÍVEL

A segunda questão orientadora do trabalho refere-se à questão do «senso comum» e da «razão sensível» ligadas ao ser, sentir, saber e fazer dos povos amazônicos como elementos integrantes dos estudos e das pesquisas que o PPGÉ desenvolve. Para orientar o estudo e as reflexões nos valemos das idéias de Geertz (1997) e Maffesoli (1998) que, ao colocarem o *senso comum* como *sistema cultural* e a *razão sensível* como doadora de sentido ao senso comum, dão ao *saber local* um novo *status* que o leva a ser considerado não como superficial, ilusório ou falso, mas como uma forma de saber construída intersubjetivamente, em uma dada comunidade, povo ou nação.

Esse novo entendimento do senso comum como um corpo de crenças e juízos produzidos pela razão sensível a partir das vivências cotidianas e da sabedoria popular que lhes servem de fundamento, expressa segundo os referidos pensadores, com os quais concordamos, uma maneira de ser e de pensar que tem validade em si mesma e, por isso mesmo, não necessita de nenhum aval para a sua existência. Tal entendimento vai ao encontro das idéias husserlianas de que assim como podemos examinar o ser humano através dos seus atos, considerando uma estrutura universal, podemos também, do mesmo modo, examinar a relação intercultural mesmo que no nível cultural nem todas as vivências sejam ativadas da mesma maneira e a capacidade reflexiva atue de maneira diferente nas diversas culturas.

Através do ato de «entropatia» podemos sentir a existência de outro ser humano como eu e apreendê-lo, não como idêntico a mim, mas como semelhante. Pela «entropatia» entramos em um mundo intersubjetivo formado pelos agrupamentos humanos que se constituem pelo enfrentamento da diversidade cultural no qual as vivências ajudam o desenvolvimento pessoal e possibilitam acessar níveis culturais diferentes e, com isso, compreender como se organizam as mentalidades nessas diversas culturas. A dimensão interpessoal, intersubjetiva constitutiva da pessoa é tão importante que toda a nossa educação, todo o nosso desenvolvimento depende da interpessoalidade em que estamos inseridos.

É nosso entendimento, surgido de observações, vivências e análises, que a maioria da população amazonense, em especial os moradores de pequenas cidades interioranas, de comunidades das barrancas dos rios, do centro da mata e da periferia da capital, orienta a sua existência, predominantemente, pelo «senso comum». Ousamos afirmar, sustentadas em Geertz (1997) e Maffesoli (1998), que a razão sensível é doadora de sentido ao senso comum que permeia e orienta o sistema cultural dos povos amazônicos porque, naquelas paragens não são as ciências que orientam e dão sentido à existência, mas as experiências, os vividos com suas crenças, costumes e ensinamentos passados de geração a geração.

Ao entrarem na selva, nos rios, nos igapós, nos paranás, nos furos, os amazônidas não são orientados por bússolas ou qualquer outro instrumentos técnico ou científico, mas pelo sol, pela lua, pelas estrelas, pela corrente dos rios, ou por qualquer outro conhecimento adquirido pela observação e reflexão sobre aquela realidade. Ao partir em busca da caça, da pesca e da coleta sabe, pelos conhecimentos acumulados no dia a dia, para onde se dirigir. Também não são as ciências ou a técnica, mas o laboratório da vida que os orienta na utilização de plantas e frutos utilizados na alimentação e cura de doenças. Nele, no laboratório da vida, aprendeu a retirar da floresta os alimentos, caçar, pescar, fabricar canoas, remos, tarrafas, redes, arco e flecha, construir utensílios e ferramentas. Mas, acima de tudo, aprendeu que é um dos elementos da natureza, que assim como os demais elementos, precisa dela para continuar a existir.

Como são seres humanos, consequentemente, seres inteligentes e racionais, utilizam como os «civilizados», mesmo em condições diferentes, a sua inteligência e capacidade de raciocínio para, através da percepção, apreensão e reflexão, encontrarem respostas para os seus problemas e sua sobrevivência. Estes e outros tantos saberes e fazeres que integram a estrutura do saber local são construídos pelo «senso comum» e pelo «bom senso» tendo como guia a razão sensível. Isto acontece porque do ponto de vista da razão sensível, o senso comum não pode ser considerado como um momento a ultrapassar, mas como uma maneira de ser e de pensar que não carece de nenhum mundo preconcebido para lhe atribuir sentido.

Se como diz Geertz (1997), as formas de saber são sempre e inevitavelmente locais, e mesmo obscurecendo-as, não é possível fazê-las desaparecer, o senso comum, entendido como uma disposição do espírito que possibilita ao homem conhecer e lidar com o mundo, não pode deixar de ser considerado como «um sistema cultural». Fazer isso é aceitar a diversidade entre as diferentes formas que o ser humano possui para construir e orientar as suas

vidas, acreditar que outros possuem uma natureza semelhante a nossa, e que nenhuma delas é superior a outras, apenas diferente.

Fundado em um saber enraizado na comunidade, o senso comum que orienta a existência dos povos anfíbios da floresta se faz presente em qualquer vivência humana. Por conta disso, se ignoradas as diversas manifestações do senso comum fica ocultada a maior parte da vida cotidiana. Não se pretende com tal afirmação abdicar da dimensão científica etécnica, mas tão somente postular a ultrapassagem da atitude etnocêntrica que discrimina sem levar em conta as vivências, a sabedoria, os processos de interação e de interdependência que estão presentes nesse nível de conhecimento.

2. CULTURA AMAZÔNICA E SEUS ELEMENTOS IDENTITÁRIOS

A terceira questão formulada diz respeito à cultura e às identidades amazônicas, cuja vida é comandada pelos rios e pelo fluxo das águas e que tem como principal característica a multidiversidade étnica e cultural, nascida da fricção de várias culturas: europeia, africana, ameríndia etc. Os dados levantados acordam com as ideias de Charles Wagley (1988) que, apesar da consciência atual do poder de cada cultura para determinar o comportamento do indivíduo e do grupo, da vasta extensão de valores culturais e da diferença das reações de cada cultura diante de situações humanas análogas,

ainda persiste, em alguns casos, o entendimento etnocentrista de aceitar como premissas universais os fundamentos básicos de sua própria cultura, e em geral esperam que os povos pertencentes a outras culturas reajam como elas próprias em qualquer determinada situação e que possuam os mesmos incentivos e valores (Wagley, 1988, p. 255).

Por serem constituídas dos vividos dos seres humanos que a compõem, as culturas não podem deixar de ter elementos semelhantes. Todas possuem um sistema econômico, normas que regulem as relações sociais, estrutura familiar, distrações, religião ou crença. Conquanto divirjam em conteúdo e intensidade, todas elas obedecem a um plano básico determinado pela semelhança universal e necessidades de todos os humanos.

Se a palavra cultura designa todo o modo de vida de um povo, o legado social que o indivíduo recebe do grupo a que pertence, como todas as culturas humanas, a cultura amazônica inclui as instituições econômicas e religiosas, os costumes, o comportamento habitual e as atitudes dos seus habitantes e, na realidade, todas as maneiras de vida que aprendem como membros de sua sociedade e que transmitem à sua descendência. Na Amazônia, existem diferenças

de padrões culturais característicos do Alto, Médio e Baixo Amazonas, assim como dos rios Negro, Purus, Madeira, Tapajós, Juruá e tantos outros. No entanto, em linhas gerais, os elementos essenciais, as características gerais estão presentes em toda a região.

Sua etnodiversidade histórica e original se manifesta em todo território, não somente por caracteres raciais (índio, branco, caboclo, negro), mas também por aspectos antropológicos culturais típicos e diferenciados na linguagem, ritos, magias, usos, costumes, formas próprias de subsistência nas lavouras, nos processos de caça e pesca e, sobretudo, no uso e aproveitamento dos recursos florestais, dos quais extraem, para as necessidades do cotidiano, no ciclo anual e sazonal da vida, os farmacos, frutos, óleos, fibras, resinas, cipós, venenos, afrodisíacos e alucinógenos.

A essa diversidade étnica e cultural foram adicionados por integração, absorção ou dominação outros valores, outras culturas, outras etnias como a dos nordestinos durante o ciclo da borracha; de grupos europeus extra-ibéricos, como os ingleses; de grupos norte-americanos; de grupos semitas; de grupos asiáticos, notadamente os japoneses. E, posteriormente, na década de 60, com a criação da Zona Franca de Manaus, essa etnodiversidade foi enriquecida com a presença de brasileiros vindos de todos os recantos do país e, também, de estrangeiros.

Todavia, o não reconhecimento da alteridade desses povos na luta entre a Amazônia Lusitana e a Amazônia Indígena, impõe-se a primeira como negação da segunda, tanto física quanto social e culturalmente. A destruição dos elementos organizativos das culturas amazônicas foi a tônica da construção da Amazônia lusitana. Nela a generalização dos vários povos indígenas em uma unidade étnico-cultural inferior levou ao desaparecimento do reconhecimento da diferença das culturas entre as nações tribais e, com isso, impõe-se a «superioridade» racial branca. Apesar disso, muitos dos povos indígenas resistiram e lutaram e continuam lutando por sua autonomia, pelo seu modo de ser índio, pela manutenção de seus elementos culturais e pela independência de suas organizações sociais.

Até bem pouco tempo, as identidades índia e cabocla, mas principalmente a cabocla, não faziam parte dos estudos acadêmicos da Sociologia, da História e da Filosofia, da Antropologia nas Universidades. Eram os poetas, os contistas, os cronistas que ressaltavam e ainda ressaltam, com bastante vigor, as características do ser e do fazer dos *amazônidas*.

Os estudos e análises realizados sobre esta questão nos levam a afirmar que tanto a cultura quanto as identidades índia (nativa) e cabocla (nascida da fricção), carregam uma crosta de preconceitos e estereótipos difusamente

produzida e transmitida pela cultura de contato, e consumida igualmente por índios e brancos; que esta carga, nascida da atitude etnocêntrica externa (estrangeira) e interna (brasileira) do processo de colonização, gerou um forte sentimento de inferioridade que levou ao abandono e quase desaparecimento da crença em seus valores e na capacidade de orientar, por si mesmos, suas vidas no mundo em que estão situadas.

Afirmar, ainda, que neste momento tão angustiante e indefinido para o tempo humano e para o tempo cósmico, as identidades índia e cabocla, que não desapareceram, mas foram escondidas ou recobertas pelos maltratos e preconceitos de uma atitude *etnocêntrica* que discrimina e domina os que são diferentes e faz apreciações negativas sobre seus padrões culturais, porque considera o seu modo de vida como o mais correto, estão ressurgindo, saindo de sua mudez para se fazerem ouvir e serem percebidas. Com isso fazem ressurgir, também, o valor dos seus modos de ser e de viver, das diferenças e singularidades que permeiam as suas culturas e as identificam.

4. SABER LOCAL E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO PPGE/UFAM

Ao examinarmos a questão dos universais que perpassam os estudos e pesquisas do PPGE, objeto da quarta pergunta formulada, nossas percepções, análises e vivências permitem dizer que as principais categorias presentes nos estudos e nas pesquisas desenvolvidas no PPGE, apesar de terem como foco central as questões locais, ou seja, a cultura e as identidades amazônicas como demonstram, sem qualquer dúvida, o seu núcleo temático: *Educação, Culturas e Desafios Amazônicos*; suas quatro linhas de pesquisa: *Processos Educativos e Identidades Amazônicas*; *Educação, Estado e Políticas Públicas na Região Amazônica*; *Formação e Práxis do Educador(a) frente aos desafios Amazônicos*; *Educação, História e Sociedades Amazônicas*; eos temas das Dissertações defendidas, encerram concomitantemente uma dimensão local e universal. O quadro síntese apresentado a seguir, exemplifica com clareza o que afirmamos.

Como demonstrado, as *categorias ou invariantes universais* estão ou podem estar presentes em estudos e pesquisas em qualquer outro processo educativo, em qualquer outra nação, estado, povo ou cultura. Por exemplo, quando dizemos: *Educação, cultura e desafios amazônicos*, poderíamos dizer, se não estivéssemos na Amazônia, mas no Nordeste, Nova York ou Paris: *Educação, cultura e desafios nordestinos*, *ounovayorkinos*, ou *parisienses*. O mesmo poderia ser dito de tantas outras questões como fica demonstrado no quadro acima.

INVARIANTES – VARIANTES

Categorias abertas	Discurso universal invariante	Discurso local variante
Educação	Educação, culturas e desafios	Educação, cultura e desafios amazônicos
Educador	Educação, história e sociedades	Educação, história e sociedades amazônicas
Formação	Formação e praxis do educador	Formação e praxis do educador frente aos desafios amazônicos
Ensino	Processos educativos e identidades amazônicas	
Pesquisa	Processos educativos e identidades	
História		
Estado		
Sociedade		
Políticas públicas	Educação, Estado e políticas públicas	Educação, Estado e políticas públicas na região amazônica
Cultura	A questão das línguas indígenas: Um enfoque antropológico	A questão das línguas indígenas amazônica: Um enfoque antropológico
Identidade		
Diversidade		
Desafios	Violência contra a mulher	Violência contra a mulher na cidade de Manaus
Praxis	Corporeidade na educação comunitária indígena	Corporeidade na educação comunitária indígena no Amazonas
Línguas	Educação de jovens e adultos	Educação de jovens e adultos em Manaus
Jovens	A Metodologia Piagetiana	A Metodologia Piagetiana na realidade amazonense
Adultos	Educação inclusiva e formação de professores	Educação inclusiva e formação de professores no Alto Juruá
Amazônia	Modelos de gestão escolar: entre o dito e o feito	Modelos de gestão escolar no Estado do Amazonas: entre o dito e o feito

Diferente, porque de cunho essencialmente local, por isso mesmo particular, é a situação das categorias: Amazônia, amazônicas, caboclo, índio etc. Contudo, apesar do seu localismo, ou seja, da sua localização em um espaço específico e em uma cultura determinada fornecer a elas um *status particular*, a singularidade que as identificam como próprias daquela cultura, como qualquer outra categoria específica, própria de um espaço, como por exemplo: Nordeste, nordestino, sertanejo, mineiro, carioca, parisiense, novayorkino, etc, não retira delas a dimensão universal, por isso mesmo, podem ser estudadas e analisadas numa perspectiva particular e, ao mesmo tempo, universal. Como nos ensina Husserl,

apesar dos conteúdos das vivências serem diferentes para cada ser humano, elas, as vivências, por serem próprias dos seres humanos, pertencerem à sua estrutura transcendental, são iguais para todos, como atos, como vivências, por isso, universais (2006, p. 168).

O problema está em compreendermos que a questão da identidade/diferença, no caso da existência humana, não recai sobre a questão do «ser» porque o ser humano possui uma estrutura universal composta pelo *corpo, psique e espírito*, da qual não pode desvincular-se, esteja ele no Amazonas, no Japão, na Austrália, nos Estados Unidos, na África ou no Polo Norte. Isto porque, enquanto a identificação do ser humano é construída pelos caracteres universais, a sua diferença identitária étnico e cultural será fornecida pelo pensar e fazer diferenciados em função do espaço que ocupa, da cultura e da comunidade da qual é parte. Serão os problemas, as necessidades que se apresentam diante de cada sujeito, de cada sociedade, de cada povo que irão orientar os seus pensares e fazeres, diferenciados nas suas culturas, grupos ou comunidades.

5. PPGE, CURRÍCULO E SABER LOCAL

Os dados levantados sobre a história, a organização e o currículo do Programa nos possibilitam dizer que uma das questões fundamentais que o processo educativo do Amazonas, especialmente, o Programa de Pós-Graduação em Educação vem enfrentando e precisa continuar a enfrentar é a da valorização da cultura e da resignificação das identidades amazônicas, ocultadas nas relações de dominação da cultura índia e cabocla pelo «civilizado», que deram forma a um etnocentrismo altamente alienador.

Se no passado o homem amazônico e a cultura amazonense foi vítima do etnocentrismo europeu, como fora toda cultura brasileira, mais tarde e, ainda hoje, além deste, ela se tornou vítima, também, de um etnocentrismo brasileiro. Por esta e tantas outras questões, se faz necessário que as instituições educativas do Amazonas dinamizem os estudos e pesquisas sobre o ser, o fazer e o pensar do homem amazônico. É imprescindível, como nos ensina Morin (2001), desocultar, revelar, na e através da sua diversidade, a sua identidade humana, os universais antropológicos e culturais que lhe são inerentes.

Os estudos permitem afirmar ainda que até 1998, apesar de ser anunciado como um dos objetivos do curso: «[...] criar um fórum permanente de estudos dos problemas educacionais específicos da Região Amazônica» (Brito, 2002, p. 5), pouco ou quase nada foi realizado neste sentido, ou seja, com exceção de algumas Dissertações, os estudos e pesquisas ali desenvolvidos, não demonstram preocupação com as questões da cultura e das identidades amazônicas.

Tal preocupação só irá ser concretizada após a reformulação da estrutura curricular ocorrida em 1998, realizada através de um doloroso processo de discussão com a comunidade acadêmica e a necessária conscientização da necessidade e da importância do Programa tanto para a Universidade, quanto para a sociedade amazonense. A partir daí, a sua organização e atuação foram direcionados para a valorização da cultura, dos saberes e das identidades amazônicas. O currículo atual, reestruturado em 2010, segue na mesma direção.

É nosso entendimento de que o processo de reestruturação do Programa e reconstrução do currículo em 1998 foi orientado por uma atitude de «entropatia» porque naquele momento tomamos consciência de que, apenas juntos, daríamos conta de salvar o Programa; que fazíamos parte de uma comunidade onde todos deveriam assumir responsabilidades.

Consciência desperta, responsabilidade assumida, todos os membros do Programa e da Administração superior: coordenadores, servidores, professores e alunos uniram-se e formaram um grupo para desenvolver estudos, reflexões e debates em busca de soluções que possibilitassem não apenas a sobrevivência do Programa, mas e fundamentalmente, a sua consolidação como centro de estudos sobre as questões culturais e educacionais do Estado do Amazonas. A partir daí, foi possível verificar qual o projeto conjunto que seria útil para a Instituição, a sociedade, a comunidade acadêmica e para cada um em particular.

Para demonstrar com maior clareza as modificações ocorridas e ajudar a responder a 6ª pergunta formulada, apresentamos a seguir, um quadro comparativo dos currículos de 1994, 1998, 2010.

As modificações introduzidas em 2010 não abandonam a direção traçada em 1998, continuam a apontar para o caminho de não apenas qualificar professores, mas e fundamentalmente, possibilitar a aquisição e construção de conhecimentos voltados para a realidade amazônica, seus problemas e desafios a fim de orientar e desenvolver uma educação que vislumbrando o universal, aponte novos caminhos para o estudo e desenvolvimento do saber local.

Como é possível verificar, a estrutura atual do curso continua a trilhar o mesmo caminho de 1998, ou seja, de não apenas qualificar professores, mas e fundamentalmente possibilitar a aquisição e construção de conhecimentos que, vislumbrando o universal estejam voltados para a realidade amazônica, seus problemas e desafios.

Quadro comparativo

Estrutura de 1994	Estrutura de 1998	Estrutura de 2010
Disciplinas	Disciplinas	Disciplinas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tronco comum - Filosofia, Epistemologia e Educação - Estatística Aplicada à Educação - Metodologia da Pesquisa Científica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Núcleo temático - Metodologia Científica em Educação - Educação, Culturas e Desafios Amazônicos 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Núcleo temático - Metodologia Científica em Educação - Educação, Culturas e Desafios Amazônicos
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Áreas de concentração - Fundamentos da Educação Psicologia e Ensino Filosofia da Educação Sociologia e Educação Antropologia e Educação Pensamento Educ. Brasileiro Teorias de Aconselhamento Teorias Cognitivas Educação e Trabalho Educação Especial Educação e Mov. Sociais Tópicos: Fund. da Educação Est. Dir. Fund. Educação - Linguística e Educação Introdução ao Estudo Linguístico Linguística Geral Sociolinguística Psicolinguística Linguista Aplic. Ens.L. Estra. Semântica Tópicos de Ling. e Educação Pesquisa Linguística Est. Dir. Ling. Educação - Política e Adm. da Educação Estruturas Prod. Pol. Sociais Economia e Financ. Educ. Teorias Org. Aplic. Educação Adm. Pessoal em Educação Análise de Políticas Públicas Aval. de Prog. Educacionais Tópicos Adm. Educação Est. Dir. Adm. da Educação Est. Dir. Pol. da Educação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linhas de pesquisas - Linha 01 Processos Educativos e Identidades Amazônicas - Linha 02 Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional - Linha 03 Formação e Práxis do Educador frente aos desafios amazônicos ▪ Disciplina complementar ▪ Participação em atividades de pesquisa ▪ Dissertação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Linhas de pesquisas - Linha 01 Processos Educativos e Identidades Amazônicas - Linha 02 Educação, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional - Linha 03 Formação e Práxis do Educador frente aos desafios amazônicos - Linha 04 Educação, História e Sociedades Amazônicas ▪ Disciplina complementar ▪ Participação em atividades de pesquisa ▪ Dissertação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Domínio conexo ▪ Dissertação 		

ALGUMAS REFLEXÕES

O que se busca numa pesquisa com enfoque fenomenológico são as manifestações dos sujeitos em torno do sentido das ações efetuadas. O mergulho na realidade do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED/UFAM, na instituição da qual faz parte, na sociedade e na cultura na qual está inserido, nos possibilitou apreender a imensa trama e a rede de significados tecida pela energia que emerge da vida dos sujeitos amazônicos e do seu mundo que, incorporando todas as formas de percepção, todas as formas de experiências vividas transcendem, em muito, os puros feixes de relações lógicas onde os seres humanos são tratados como clones, condenados a uma eterna repetição. As percepções e apreensões levadas a efeito nos revelaram a riqueza e a fecundidade dessa cultura e desse fenômeno humano.

As análises apresentadas a seguir, procuram responder as cinco questões formuladas no início do trabalho visando apreender a essência e demonstrar o sentido e a importância do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas que tem a sua sustentação no saber local, ou seja, na cultura e nas identidades amazônicas, assim como nas categorias universais que perpassam o particular ali estudado e pesquisado. É um movimento de compreensão da coisa feita. É um olhar reflexivo para a ação realizada.

Nessa caminhada as interrogações, as teorias, os dados coletados se articulam com as percepções, interpretações e reflexões das investigadoras sustentadas nas orientações fornecidas pela fenomenologia de que o conhecimento das coisas só acontece quando encontramos o seu sentido, a sua essência, e que para isso, necessitamos colocar a existência entre parênteses e suspender os juízos e preconceitos para ir ao encontro das «coisas mesmas», num movimento no qual o mundo faz sentido para a pessoa, onde sempre se está com o outro e se participa da construção da realidade mundana.

A primeira reflexão recai sobre a utilização da Fenomenologia num estudo dessa natureza. Para desenvolvê-la trouxemos ao texto alguns aspectos da teoria husserliana colhidos nas obras do próprio Husserl, e Angela Bello que nos ensinam com muita clareza que a fenomenologia pode fornecer aos estudiosos e pesquisadores, em qualquer estudo ou pesquisa que se pretenda compreender um dado fenômeno e apreender o seu sentido, instrumentos tais como a *epochê*, a *redução eidética* e a *redução transcendental* que possibilitam ir, pela análise do fenômeno, em busca da essência, do sentido das coisas.

Possibilita compreender que a intersubjetividade apreendida como condição essencial do humano, afasta o entendimento de que a busca da essência nos

distancia da vivência; reconhecer que através da intersubjetividade podemos dizer: «nós», «eu», «ser humano»; e que no exame das experiências vivenciais compartilhadas coletivamente, a particularidade não é abandonada porque a própria experiência pode revelar algo de estrutural compartilhado por todos, ou seja, que ao enfatizar uma questão local não significa que tenhamos de abandonar uma perspectiva universal.

Ao adotar princípios da fenomenologia fomos convidados, no percurso do presente trabalho, a considerar a historiografia amazonense, a sua geo, bio, eco e etnodiversidade em sua relação com o mundo da vida para que pudéssemos trazer ao texto, a partir de pesquisas documental, teórica e empírica, a problemática do ensino e da pesquisa desenvolvidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e dizer do seu sentido.

Objeto da segunda questão orientadora do trabalho, a segunda reflexão está voltada para a questão do «senso comum» e da «razão sensível», trazidas ao texto por estarem diretamente ligadas ao ser, saber e fazer dos povos amazônicos, constituindo-se por isso mesmo, numa das questões cruciais que integram os estudos e as pesquisas que o PPGGE desenvolve. Na busca de orientação para o nosso estudo e reflexões, nos valem das idéias de Geertz e Maffesoli que, ao colocarem o *senso comum* como *sistema cultural* e a *razão sensível* como doadora de sentido ao senso comum, dão ao *saber local* um novo *status*. O senso comum entendido como um corpo de crenças e juízos produzido pela razão sensível, ao levar em conta as vivência cotidianas e a sabedoria popular que lhes servem de fundamento, expressam segundo os referidos pensadores, com os quais concordamos, uma maneira de ser e de pensar que tem validade em si mesma.

Por ser construído sem qualquer conotação científica e por grupos sociais «incultos», o senso comum considerado pela ciência moderna como superficial, ilusório e falso *é aqui entendido* como uma forma de saber construída intersubjetivamente em uma dada comunidade, povo ou nação e passa a ser campo privilegiado do conhecimento que postula uma nova forma de olhar para a realidade onde o local pode ser uma forma de percepção do global e o imediato uma forma de percepção do futuro.

As novas concepções, os novos olhares para o senso comum, razão sensível e saber local apresentados por Geertz (1997) e Maffesoli (1998) destacam a importância da intersubjetividade como campo privilegiado do conhecimento. Tal entendimento vai ao encontro das idéias husserlianas de que assim como podemos examinar o ser humano através dos seus atos, considerando uma estrutura universal, podemos também, do mesmo modo, examinar a

relação intercultural mesmo que no nível cultural nem todas as vivências sejam ativadas da mesma maneira e que a capacidade reflexiva atue de maneira diferente nas diversas culturas.

Através do ato de «entropatia» é possível sentir a existência de outro ser humano como eu e apreendê-lo não como idêntico a mim, mas como semelhante. Pela «entropatia» entramos em um mundo intersubjetivo formado pelos agrupamentos humanos que se constituem pelo enfrentamento da diversidade cultural no qual as vivências ajudam o desenvolvimento pessoal e possibilitam acessar níveis culturais diferentes e, com isso, compreender como se organizam as mentalidades nessas diversas culturas. A dimensão interpessoal, intersubjetiva constitutiva da pessoa é tão importante que toda a nossa educação, nosso desenvolvimento depende da interpessoalidade em que estamos inseridos.

É nosso entendimento, surgido de observações, vivências e análises, que a maioria da população amazonense, em especial os moradores de pequenas cidades interioranas, de comunidades das barrancas dos rios, dos centros das matas e da periferia da capital orientam a sua existência, predominantemente, pelo «senso comum». Ousamos afirmar, sustentada em Geertz (1997) e Maffesoli (1998) que a razão sensível é doadora de sentido ao senso comum que permeia e orienta o sistema cultural dos povos amazônicos porque, nessas paragens não são as ciências que orientam e dão sentido à existência, mas as experiências, os vividos com suas crenças, costumes e ensinamentos passados de geração a geração.

Ao entrarem na selva, nos rios, nos igapós, nos paranás, nos furos, os amazônidas não são orientados por bússolas ou qualquer outro instrumentos técnico ou científico, mas pelo sol, pela lua, pelas estrelas, pelas correntes dos rios, ou por qualquer outro conhecimento adquirido através da observação e reflexão sobre aquela realidade. Ao partir em busca da caça, da pesca e da coleta sabe, pelos conhecimentos acumulados no dia a dia, para onde se dirigir. Também não são as ciências ou a técnica, mas o laboratório da vida que os orienta na utilização de plantas, ervas e frutos para a alimentação e cura de doenças, construir utensílios e ferramentas, caçar, pescar, fabricar canoas, remos, tarrafas, redes, arco e flecha. Mas, acima de tudo, aprendeu que é um dos elementos da natureza, que assim como os demais elementos, precisa dela para continuar a existir.

Como são seres humanos, consequentemente, seres inteligentes e racionais, utilizam como os «civilizados», mesmo em condições diferentes, a sua inteligência e capacidade de raciocínio para, através da percepção, apreensão e reflexão, encontrarem respostas para os seus problemas e sua sobrevivência. Estes e outros tantos saberes e fazeres que compõem a estrutura do saber local são construídos pelo «senso comum» e pelo «bom senso» tendo como guia

a razão sensível. Isto acontece porque do ponto de vista da razão sensível, o senso comum não pode ser considerado como um momento a ultrapassar, mas como uma maneira de ser e de pensar que não carece de nenhum mundo preconcebido para lhe atribuir sentido.

Se como nos diz Geertz (1997) as formas de saber são sempre e inevitavelmente locais e mesmo obscurecendo-as, não é possível fazê-las desaparecer, o senso comum, entendido como uma disposição do espírito que possibilita ao homem conhecer e lidar com o mundo, não pode deixar de ser considerado como «um sistema cultural». Fazer isso é aceitar a diversidade entre as diferentes formas que o ser humano possui para construir e orientar as suas vidas, acreditar que outros possuem uma natureza igual a nossa, e que nenhuma delas é superior a outras, apenas diferente.

Fundado em um saber enraizado da comunidade, o senso comum que orienta a existência dos povos anfíbios da floresta se faz presente em qualquer vivência humana. Por conta disso, se ignoradas as diversas manifestações do senso comum fica ocultada a maior parte da vida cotidiana. Não se pretende com tal afirmação abdicar da dimensão científica ou técnica, mas tão somente postular a ultrapassagem da atitude etnocêntrica que discrimina sem levar em conta as vivências, a sabedoria, os processos de interação e de interdependência que estão presentes nesse nível de conhecimento.

A terceira questão que envolve o desenvolvimento do trabalho diz respeito à cultura e às identidades ou gentes amazônicas. Para respondê-la tivemos que situar o espaço de onde e de quem se fala através da descrição das características da cultura e das suas identidades, e dizer que a principal característica da sociedade amazônica foi e ainda é a multidiversidade étnica e cultural; que a cultura amazonense ou amazônica nasce da fricção de várias culturas: européia, africana, ameríndia etc; e que nessas paragens a vida é comandada pelos rios e pelo fluxo das águas.

Do estudo podemos afirmar que tanto a cultura quanto as identidades índia (nativa) e cabocla (nascida do encontro entre brancos e índios), carregam uma crosta de preconceitos e estereótipos difusamente produzida e transmitida pela cultura de contato e consumidos igualmente por índios e brancos e que esta carga de preconceitos, nascida da atitude etnocêntrica externa (estrangeira) e interna (brasileira) do processo de colonização gerou um forte sentimento de inferioridade que levou ao abandono e quase desaparecimento da crença nos seus valores e na capacidade de orientar por si mesmos suas vidas no mundo em que estão situadas.

A quarta reflexão envolve a questão sobre os universais que perpassam o estudo e as pesquisas empreendidas no PPGE. Sobre tais questão as nossas

percepções, análises e vivências, nos permitem dizer que as principais categorias ali trabalhadas, apesar de estarem direcionadas para as questões locais, ou seja, para a cultura e as identidades amazônicas como demonstram, sem qualquer dúvida o seu núcleo temático: *Educação, Culturas e Desafios Amazônicos*; suas linhas de pesquisa: *Processos Educativos e Identidades Amazônicas*; *Educação, Estado e Políticas Públicas na Região Amazônica*; *Formação e Práxis do Educador(a) frente aos desafios Amazônicos*; *Educação, História e Sociedades Amazônicas*; eos temas das Dissertações, encerram concomitantemente uma dimensão universal.

Ao fim, em resposta à quinta pergunta formulada, permitimo-nos dizer que ao direcionar os estudos e pesquisas para um «localismo universalizado», o Programa buscou e continua buscando desconstruir o processo de marginalização das identidades e das culturas amazônica, ressaltar a importância e o sentido do saber local. Por conta disso é possível afirmar que o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, vem cumprindo plenamente, a partir de 1998, com a sua finalidade e que sua essência e sentido estão expressos nas funções de:

Formar docentes e pesquisadores qualificados para o exercício do magistério e da pesquisa; consolidar o Programa como pólo de referência no conhecimento da realidade Amazônica e seus desafios na área da educação, favorecendo o diálogo dos diferentes saberes e articulando espaços de discussão e divulgação desses conhecimentos, através de estudos e pesquisas que valorizem e favoreçam, numa perspectiva pluri e intercultural, o diálogo entre os diferentes saberes a fim de retirar a cultura amazônica, e com ela as identidades índia e cabocla da condição de inferioridade em que foi colocada pelo etnocentrismo da cultura universal (Brito, 2002, p. 42)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo nos permitiu verificar que o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas – PPGGE, além de qualificar professores para o magistério superior, possibilita a aquisição e construção de conhecimentos voltados para a realidade amazônica, seus problemas e desafios, visando desenvolver uma educação que vislumbrando o universal, aponte novos caminhos para o desenvolvimento do sujeito amazônico como pessoa e como cidadão.

Ao direcionar os estudos e pesquisas para um «localismo universalizado», ou seja, para as questões das identidades e diversidade cultural da Amazônia, o Programa buscou e continua buscando desconstruir o processo de margina-

lização de tradições culturais próprias dessas culturas, que têm sua sustentação na razão sensível e no senso comum, doadores de sentido ao saber local.

É nosso entendimento que o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Amazonas, vem cumprindo plenamente, a partir de 1998, com a sua finalidade de favorecer, numa perspectiva pluri e intercultural, o diálogo entre os diferentes saberes, articulando espaços de discussão e de divulgação dos conhecimentos ali produzidos.

REFERENCIAS

- Brito, Rosa Mendonça de (2002). *Quinze anos passo a passo: trajetória do programa de pós-graduação em educação da Universidade do Amazonas*. Manaus: EDUA.
- Geertz, C. (1997). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Vera Mello Joscelyne (trad.). Petrópolis/ RJ: Vozes.
- Husserl, E. (2006). *Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Márcio Suzuki (trad.). Aparecida/SP: Idéias& Letras.
- Maffesoli, M. (1998). *Elogio da razão sensível*. Albert Christophe Miguez Stuckenbruck (trad.). Petrópolis/RJ: Vozes.
- Morin, E. (2001). *Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Wagley, C. (1988). *Uma Comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.